

La Comédiathèque

BATAS BRANCAS
e
HUMOR negro

Jean-Pierre Martinez

comediathèque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediathèque.net>

Batas brancas e humor negro

de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

O hospital era quase perfeito... O crime também.
Uma comédia policial com toques de humor negro.

Personagens

O médico: Carlos

As 2 enfermeiras: Irmã Esperança e Barbara

Os 3 pacientes: Maria, Luisa (ou Luís), Fernanda (ou Fernando)

Os 5 visitantes: Pedro, Sandy, Fred, Angela (ou Angelo), Alex

Os 2 polícias: Carvalho e Da Costa

*O médico pode ser um homem ou uma mulher travestida de homem.
Os pacientes, visitantes e polícias podem ser tanto do sexo masculino quanto do feminino. Vários personagens podem ser interpretados pelo mesmo ator ou atriz:
Angela também pode interpretar Alex,
Pedro e Sandy podem interpretar os dois polícias.*

Número possível de atores e atrizes: 10 a 13

Distribuições de gênero possíveis:

10 - 8H/2M, 7H/3M, 6H/4M, 5H/5M, 4H/6M, 3H/7M, 2H/8M, 1H/9M, 10M
11 - 8H/3M, 7H/4M, 6H/5M, 5H/6M, 4H/7M, 3H/8M, 2H/9M, 1H/10M, 11M
12 - 8H/4M, 7H/5M, 6H/6M, 5H/7M, 4H/8M, 3H/9M, 2H/10M, 1H/11M, 12M
13 - 8H/5M, 7H/6M, 6H/7M, 5H/8M, 4H/9M, 3H/10M, 2H/11M, 1H/12M, 13M

© La Comédiathèque

A sala de recepção do hospital, destinada a receber os visitantes. Irmã Esperança, morena, de uma beleza discreta, vestida com o hábito de enfermeira religiosa, decora enquanto canta baixinho uma árvore de Natal mirrada colocada sobre uma mesa num canto. À frente da árvore, encontra-se um presépio. Atrás de Esperança chega Carlos, um médico bem-parecido com estilo playboy, com bata branca e estetoscópio ao redor do pescoço. Ambiente de série médica.

Carlos – Bom dia, Irmã Esperança, como está tudo?

Esperanza assusta-se, surpreendida e um pouco desconcertada.

Esperanza – Bom dia, Doutor Miranda. Assustou-me...

Carlos – Peço imensa desculpa. Mas trate-me por Carlos, por favor...

Esperanza – E por que motivo, Doutor Miranda?

Carlos – Bem, porque esse é o meu nome, Esperanza!

Esperanza – Claro... Mas, se me permite, continuarei a chamar-lhe Doutor Miranda. Parece-me mais apropriado. E preferiria que me tratasse por Irmã Esperanza...

Carlos – Como desejar, Irmã... Ah, mas fez maravilhas com esta árvore. Está verdadeiramente bonita...

Esperanza observa com satisfação a árvore de Natal moribunda, adornada por algumas grinaldas em mau estado para lhe dar alguma alegria.

Esperanza – Os nossos pacientes precisam de algum conforto nesta época festiva em que nem todos estão rodeados pelo amor das suas famílias...

Carlos – Claro...

Esperanza – A este símbolo laico que é a árvore de Natal, permiti-me acrescentar um presépio. Espero que não lhe pareça inadequado, Doutor.

Carlos – Faz também parte da magia do Natal! Até as grandes lojas em Lisboa têm um presépio, por que não o nosso hospital? Afinal, também somos uma empresa comercial.

Esperanza – É importante que todos os nossos pacientes que não têm família saibam que podem contar, ainda assim, com o amor do nosso Senhor...

Carlos – Tem razão...

Esperanza inclina-se sobre o presépio para colocar as figurinhas lá dentro.

Esperanza – Ajude-me a colocar o Menino Jesus na manjedoura?

Carlos – Eh... sim.

Carlos aproxima-se de Esperanza para dar uma mão e tocam-se.

Esperanza – Tome, aqui estão o boi e o burro...

Carlos – Perfeito.

Esperanza – E aqui está a Virgem.

Chega Barbara, tão loira quanto Esperanza é morena, vestida com uma bata que realça ainda mais os seus encantos.

Barbara (*irônica*) – Suponho que não estavam a falar de mim, Irmã...

Carlos – Ah, Barbara, estava mesmo à sua procura...

Barbara – Não me vai encontrar num presépio...

Carlos – Estava prestes a começar a minha visita. Acompanhas-me?

Barbara – Sabes que te sigo para qualquer lugar, Carlos. Como os Reis Magos seguiram a Estrela de Belém.

Carlos – Deixo-a, Esperanza... Quero dizer, Irmã Esperanza...

Esperanza, desconfortável, decide retirar-se.

Esperanza – Também tenho coisas para fazer...

Esperanza sai.

Carlos – Vamos, Barbara?

Carlos e Barbara saem. Impulsionada por Angela, vestida de forma gótica, Luisa chega numa cadeira de rodas com uma bolsa de soro por cima.

Angela – Então, Feliz Natal, Tia Luisa!

Luisa – Obrigada, Angela... Não sei se chego ao próximo...

Angela – Vá lá, não digas isso... (*Tira uma garrafa de champanhe e dois copos da sua bolsa.*) Trouxe isto para brindar e celebrar...

Luisa – Oh, mas é uma loucura...

Angela abre a garrafa e enche os copos. Depois, tira um pacote de bolachas da sua bolsa.

Angela – Também trouxe línguas de veado, sei que gostas...

Luisa – És mesmo um anjo, Angela, mas com o meu estômago. Bem, com o que me resta... Preferia madalenas...

Angela – Podes mergulhá-los no champanhe para os amolecer. Aqui tens, este é o teu presente...

Angela entrega a Luisa um envelope.

Luisa – Obrigada! O que é isto?

Angela – Surpresa!

Luisa – Um envelope... Espero que não seja dinheiro... Isso é a única coisa de que não preciso... À minha idade, o que realmente me falta é tempo para o gastar...

Angela – Sim, bem... (*Baixo*) A vida é injusta... Eu só tenho tempo...

Luisa, que não ouve, luta para abrir o pacote. Entretanto, Angela verte o conteúdo de um pequeno frasco na taça da sua tia. Finalmente, Luisa consegue tirar um papel do envelope.

Luisa – O que é isto?

Angela – Uma assinatura de um ano da revista Vida Plena!

Luisa – Um ano! Não sei se vou conseguir aproveitá-lo até o fim...

Angela (*sussurrando*) – Sim, também não tenho a certeza.

Luisa – Como?

Angela tira uma cópia da revista da sua bolsa e entrega-a a Luisa.

Angela – Aqui está o primeiro número... Terás algo para ler...

Luisa – Obrigada, Angela!

Angela – Se isso te faz feliz, faz-me feliz a mim também, Tia... (*Beijam-se na face*)
Então, brindamos?

Luisa – Não sei se é muito sensato...

Angela – Vá lá, um copinho de Natal, não pode fazer mal!

Luisa – Oh, mas encheste demasiado...

Angela – Não, não enchi.

Luisa – Podes passar-me o meu xale, por favor?

Angela vira-se para pegar o xale de uma cadeira. Luisa aproveita para trocar as taças e ficar com a menos cheia.

Angela – Aqui o tens...

Luisa – Obrigada, és gentil... Felizmente, ao menos tu estás aqui... Se não, ninguém viria visitar-me...

Angela – Mas é normal, sou tua sobrinha... (*Grande sorriso*) Então, Tia, pensaste no que conversámos da última vez?

Luisa – O quê?

Angela – Sobre o teu testamento, já sabes... Não tenho a certeza se é uma boa ideia deixar tudo à Cruz Vermelha...

Luisa – Não é a Cruz Vermelha, é o Doutor Miranda! Ou melhor, a sua fundação! Uma fundação que cuida de órfãos sem pais...

Angela – Oh, já sabes, agora toda a gente tem a sua fundação, até os assassinos em série... E além disso, eu também me vou sentir um pouco órfã quando já não estiveres...

Luisa – Tu tens os teus pais, afinal. Eles não precisam, ambos são dentistas... Aliás, a tua mãe sempre teve aversão por mim... Nunca vem visitar-me...

Angela – Mas eu estou aqui!

Luisa – Por isso, no início redigi esse primeiro testamento a teu favor... Está na gaveta da minha mesinha de cabeceira... Mas o Doutor Miranda convenceu-me de... E sei muito bem que, se vens visitar-me, não é pelo meu dinheiro...

Angela – Claro...

Luisa – Tens uma família, podes estudar. E ser dentista, como os teus pais. Enquanto esses pobres órfãos... Se o bondoso Doutor Miranda não tiver os recursos para cuidar deles...

Angela – Ouve, faz o que quiseres... Afinal, é o teu dinheiro. Mas já redigiste este novo testamento?

Luisa – Ainda não... Tratarei disso mais tarde...

Sorriso de Angela.

Angela – Perfeito... À tua saúde!

Bebem.

Luisa – Está bem fresco...

Angela – Sim, é bom... Uma língua de veado para acompanhar?

Luisa – Obrigada, talvez experimente mais tarde quando já tiveres ido embora...

Angela – É isso... Enquanto lês Vida Plena... Bem, vou deixar-te, Tia... Com certeza estás um pouco cansada...

Luisa – Estou bem... Queres jogar Cluedo antes de ires?

Angela – Desculpa, mas realmente não tenho tempo... Voltarei para te desejar um feliz ano...

Dão um beijo na face.

Luisa – Diverte-te e obrigada por passares a visitar a tua velha tia no Natal... Ah, aliás, também tenho um presente para ti! Está por baixo da mesa...

Angela pega o pacote, abre-o e tira um objeto de lã.

Angela – O que é isto?

Luisa – É um cachecol! Tricotei-o para uma amiga, mas ela morreu antes de o poder usar. Gostas?

Angela – Gosto muito... Bem, até breve, Tia... E feliz Natal!

Angela parte.

Luisa – Que figura estranha... Cada vez que ela me visita, tenho a sensação de que já estou no inferno... (*Suspiro*) Bem, vamos ver isso...

Luisa abre a Plena Vida e começa a folheá-la enquanto mergulha uma língua de gato no champanhe. Ela franze a testa.

Luisa – Onde terá deixado os meus óculos? Tenho a certeza de que os deixei no meu quarto...

Luisa afasta-se na sua cadeira de rodas. Irmã Esperança chega, segurando Fernanda pelo braço. Ajuda-a a sentar-se no sofá.

Esperança – Sente-se um pouco aqui, Fernanda. Não é bom estar deitada o dia todo... Quer jogar Scrabble para exercitar um pouco a mente?

Fernanda – Exercitar o quê?

Esperança – O cérebro!

Fernanda – Está bem...

Esperança prepara o jogo.

Esperança – Aqui estão as suas letras... Quer começar?

Fernanda – Oh, não sei se vou conseguir, já não tenho toda a minha cabeça...

Esperança – Tente de qualquer forma...

Fernanda – Bem, vou tentar então... (*Fernanda coloca todas as suas letras no tabuleiro*) OXIDARÁ. Então, 16 com o "x" que conta como duplo, 26, multiplicado por 2, dá 52, mais 50, totaliza 102...

Esperança – Bem... Pelo menos as suas sinapses não estão muito enferrujadas...

Um casal chega, Sandy e Pedro, a filha e o genro de Fernanda. Pedro pode ser interpretado por uma mulher travestida de homem ou por uma mulher mais masculina (Assumiremos então que é um casal gay, o que acrescentará uma dimensão cómica à confusão de Fernanda).

Esperança – Oh, acho que tem visita, Fernanda... Vou deixá-los em família... Senhoras e senhores...

Sandy (*para Esperança*) – Bom dia, Irmã...

Fernanda – É a tua irmã?

Esperança (*com indulgência*) – Não, Fernanda, ela é a sua filha...

Esperança troca um sorriso com Sandy e parte.

Sandy – Então, mãe, como estás hoje?

Fernanda – Oh, já sabes, à minha idade...

Pedro – Bom dia, sogra...

Fernanda – Quem é este?

Sandy – Mas mãe, é o Pedro, o meu marido!

Fernanda – Estás casada? Desde quando?

Sandy – Há uns vinte anos.

Fernanda – Pelo menos poderias ter-me enviado um convite...

Sandy – Mas estiveste presente no nosso casamento, mãe! (*Tira uma foto da sua carteira*) Olha, és tu ali, na foto, à saída da câmara municipal.

Fernanda – Ah, sim... E quem está a segurar-te pelo braço, com um fato demasiado grande?

Pedro – Sou eu, sogra. Pedro, o seu genro.

Fernanda olha para ele.

Fernanda – Oh, meu Deus... Como envelheceste! Não me surpreende que não te tenha reconhecido...

Pedro – Sim, todos nós envelhecemos...

Sandy oferece à mãe uma caixa.

Sandy – Toma, trouxe-te uma caixa de pasta de frutas.

Fernanda – Obrigada... Não está muito dura, pois não? Com os meus dentes...

Pedro – São pasta de frutas, sogra... É suave...

Fernanda (*sussurrando para Sandy*) – Porque me chama sogra?

Pedro prefere mudar de assunto...

Pedro – Então, Fernanda, dormiu bem esta noite?

Fernanda – Tive um sonho estranho...

Pedro – Ah, sim? O que foi?

Fernanda – Oh, já não importa muito agora...

Sandy – Diz... (*Mais baixo*) Pelo menos teremos um tópico de conversa...

Fernanda – Sonhei com aqueles lingotes que a minha mãe me deu no Natal antes de morrer...

Sandy e Pedro, surpreendidos, trocam um olhar.

Sandy – Lingotes?

Pedro – Quer dizer lingotes de ouro, sogra?

Fernanda – Como?

Sandy – A tua mãe deu-te lingotes de ouro? Nunca nos mencionaste isso!

Fernanda – Não era assunto de vocês... E como já não tinha ideia do que tinha feito com eles... Só esta noite me lembrei...

Pedro – E então?

Fernanda – Sabem como são os sonhos, assim que acordas, esqueces metade.

Sandy – E de que metade te lembras?

Fernanda – Lembro-me da caixa... E de todos os lingotes lá dentro.

Sandy – Todos os lingotes? Havia muitos?

Pedro – E desta caixa, não se lembra onde a escondeu?

Fernanda – Bem, não...

Pedro – Faça um esforço, sogra.

Sandy – Talvez os tenhas enterrado no jardim...

Fernanda – O quê?

Pedro – Os lingotes, caramba! Os malditos lingotes!

Fernanda – Ah, isso esqueci completamente...

Sandy – Tenta lembrar...

Fernanda – Sim, lembro-me bem da caixa. (*Apontando para a caixa de pasta de frutas*) Um pouco maior do que esta, no entanto.

O Dr. Miranda passa por ali novamente. Sandy e Pedro parecem desconfortáveis com a chegada deste testemunho inesperado.

Carlos – Bom dia, Fernanda, como está hoje?

Fernanda – Bom dia, Doutor.

Carlos – Ah, vejo que foi ao cabeleireiro para a véspera de Ano Novo! Fica-lhe muito bem...

Fernanda – Lisonjeira...

Carlos – Está tudo bem, senhores e senhoras?

Pedro – Bom dia, Dr. Miranda...

Sandy – Sim, sim, está tudo bem. Certo, mãe? (*Sussurrando*) Está a perder cada vez mais a memória, mas além disso, está bem...

Carlos – A sua mãe é forte, acreditem em mim. Vai enterrar-nos a todos! Certo, Fernanda?

Pedro – E sobre a memória, não tem algo...

Sandy – Mesmo que o efeito seja apenas temporário.

Carlos – Para a memória, deixe-me pensar... Sim, tomo algo muito eficaz, mas... Não consigo lembrar o nome desse medicamento de maneira alguma... (*Sandy e Pedro olham-no perplexos*) Estou a brincar, claro... Aqui é preciso rir um pouco, sabem?, caso contrário... Rapidamente nos suicidaríamos. Não, infelizmente, não há cura para as perdas de memória atualmente...

Pedro – Compreendo... Provavelmente é uma doença degenerativa...

Fernanda adormece lentamente na sua cadeira de rodas.

Carlos – E aí têm! Uma doença degenerativa longa, da qual, infelizmente, todos sofremos desde o nosso nascimento...

Pedro – E como se chama?

Carlos – A vida, meu caro senhor! A vida! Uma doença genética cujo desfecho é sempre fatal, mais cedo ou mais tarde. (*O bip do Dr. soa*) Bem, meus queridos amigos, o dever chama-me. Desejo-vos um Feliz Natal!

Sandy abana um pouco a mãe para a acordar.

Sandy – Acorda, vamos dar um passeio pelo parque...

Pedro – O ar fresco talvez refresque a sua memória...

Sandy – Vamos, mãe! Levanta-te e anda!

Sandy, Pedro e Fernanda saem. Luisa regressa na sua cadeira de rodas e volta a ler a Plena Vida. Maria chega, a andar com dificuldade, apoiada numa mão no suporte da sua seringa e segurando um laptop com a outra.

Maria – Então, Luisa, ainda não morreste?

Luisa – Oh, Maria, sempre com uma palavra para fazer rir... Quando já não estiveres, vamos sentir a tua falta...

Maria – Com sorte, irás antes de mim... O que estás a ler?

Luisa – Plena Vida. É um presente da minha sobrinha.

Maria – Pelo menos tem sentido de humor... E é interessante?

Luisa – Sim, mas tem muitos anúncios... Aparelhos auditivos, cadeiras salva-escalas, seguros funerários...

Maria – Parece emocionante...

Maria senta-se numa cadeira e abre a tampa do seu laptop.

Luisa – Há Wi-Fi aqui?

Maria – O sinal é melhor perto da sala mortuária, mas está ocupada agora.

Luisa – Ah, é? Por quem?

Maria – Pensei que fosses tu, mas aparentemente não...

Maria liga o seu computador.

Luisa – Talvez seja a Fernanda...

Maria – Tu achas?

Luisa – São sempre os melhores que partem primeiro...

Maria – Prefiro ser uma bruxa... isso preserva.

Luisa – Coitada da Fernanda... No entanto, não parecia estar tão mal... Não teria apostado que seria ela a nos deixar primeiro.

Maria – Eu sim...

Luisa – Sério?

Maria – Cinquenta euros... Como não és tu que estás na sala mortuária, ainda tenho uma chance...

Luisa – Desde que não apostes que serei a próxima da lista...

Maria examina o prontuário médico pendurado na cadeira de rodas de Luisa.

Maria – Vamos ver... Ah sim, de facto... Sem querer lisonjear-te, tens um histórico bastante bom...

Luisa olha para ela com preocupação.

Luisa – A sério?

Maria começa a digitar no teclado do seu computador.

Maria – Está bem... Tenho duas barras...

Luisa – Duas barras?

Maria – Para o Wi-Fi!

Luisa – Ah, sim...

Maria continua a digitar no seu computador. Luisa volta à sua leitura.

Maria – Uau! Este está bastante bom. Olha isto!

Maria gira o ecrã na direção de Luisa por um momento.

Luisa – Em que tipo de site estás?

Maria – Num site de encontros... O meu pseudónimo é Sofia...

Luisa – Sofia, esse não é o teu nome verdadeiro, certo?

Maria – O meu nome verdadeiro é Maria das Dores... Mas para conhecer alguém online, não é um nome fácil.

Luisa – Realmente achas que, no nosso estado, ainda podemos conhecer alguém?

Maria – Além de alguém que esteja encarregado de nos administrar os últimos sacramentos, certificar a nossa morte ou fazer a autópsia? Sempre se pode sonhar... Mas devo dizer que me apaixonei...

Luisa – Com a pressão arterial que tens... um interesse romântico pode rapidamente se transformar em um ataque cardíaco.

Maria volta a digitar no seu computador.

Maria – Estou hesitando...

Luisa – No nosso estado, é melhor não hesitar por muito tempo.

Maria – Vamos, vou tentar a sorte...

Luisa – Não quero desanimar-te, mas quando ele ver a tua foto...

Maria mostra o ecrã novamente.

Maria – Aqui está a minha foto...

Luisa – Mas... é a Irmã Esperanza!

Maria – Não é muito sexy, mas é a única que tinha à mão... Tirei-a com o meu telefone ontem, dizendo-lhe que queria ter uma foto dele na minha página inicial...

Luisa – Espero que ela não navegue na Internet também...

Maria – Uma freira... De qualquer forma, ela não deve frequentar sites de encontros... E pelo menos, parece mais credível assim...

Luisa – O que queres dizer?

Maria – A foto. Não é preciso exagerar, os homens sabem que quando tens a aparência de um modelo, não precisas de recorrer a este tipo de sites para arranjar companhia...

Luisa – Bem, tens razão... Essa expressão inocente e um pouco tola, há quem se comova com isso...

Maria – Parece inocente como um cordeiro...

Luisa – Ah, mesmo quando falamos do diabo...

A Irmã Esperanza chega. Maria fecha apressadamente a tampa do seu computador.

Maria – Bom dia, Irmã!

Esperanza – Maria e Luisa! Sempre inseparáveis, não é verdade? Como estão hoje?

Luisa – Como diz o Dr. Miranda, a vida é uma longa doença degenerativa...

Maria – Digamos que estamos numa fase terminal...

Esperanza – Aqui ou em qualquer lugar, somos apenas passageiros na terra... E o Senhor espera por todos nós no Seu paraíso.

Maria – Dê-se conta, Irmã? Seremos a primeira geração da internet a chegar lá em cima... Achas que há Wi-Fi no paraíso?

Esperanza – Se for o paraíso, com certeza há Wi-Fi...

Maria – É por isso que já existe melhor sinal perto da sala mortuária...

Esperanza – Posso fazer algo pelo vosso bem-estar, senhoras?

Maria – A marijuana ainda não é permitida nesta instituição, mesmo para fins terapêuticos?

Esperanza – Tenho receio que não...

Maria – Bem, então não faz mal.

Esperanza – Muito bem, passarei mais tarde para a vossa aula de ginástica... Tenham um bom dia, senhoras.

Luisa – Tenha um bom dia, Irmã.

Maria – E obrigada novamente pela foto... Coloquei-a imediatamente na minha... página inicial.

Esperanza – Se isso pode trazer algum conforto...

Maria – Acredite, Irmã, graças a si, várias das minhas orações já foram atendidas...

Esperanza sai. Luisa guarda a sua revista e começa a mover a sua cadeira de rodas para sair.

Luisa – Vá, não é que me aborreça estar contigo, mas tenho que fazer os meus trabalhos...

Maria – Trabalhos? Voltaste a frequentar aulas?

Luisa – Não, mas tenho que fazer o meu testamento...

Maria – Tens toda a razão, Luisa, com a nossa idade, é mais fácil colocar alguém no teu testamento do que na tua cama... E quem é o sortudo?

Luisa – Nunca me dei muito bem com a minha família... Por isso, estou a pensar se não devo deixar tudo ao Dr. Miranda... Ele é tão simpático...

Maria – E bastante bonito também...

Luisa – Até mais tarde, Maria.

Maria volta a abrir a tampa do seu computador.

Maria – Adeus, Luisa.

Luisa sai. Maria volta a digitar no seu computador. Chega um jovem, com aparência de rapper.

Alex – Olá, avó, como vai tudo?

Maria fecha novamente a tampa do seu computador.

Maria – Disse-te para não me chamares avó.

Cumprimentam-se com um beijo na bochecha.

Alex – O que estás a ver no teu computador?

Maria – Nada de especial, porquê?

Alex – Fechas a página quando chego, é estranho.

Maria – Foste à farmácia buscar a minha receita?

Alex – Não te preocupes, tenho-a aqui...

Abre um bolso do casaco e entrega a Maria algo embrulhado em papel de alumínio.

Maria – Não é um genérico, certo?

Alex – Consigo diretamente de uma ervanária afegã... (*Quando Maria está prestes a pegar, ele pára-a*) Não tão rápido! Tens que pagar antecipadamente.

Maria dá-lhe uma nota de cinquenta.

Maria – Toma, ganhei-a honestamente.

Alex – Ah, sim? Como?

Maria – Ganhei uma aposta.

Maria guarda o seu pacote de alumínio e tira um charro que acende.

Alex – Em que apostaste?

Maria – Não acreditarias...

Maria dá uma passa no charro.

Alex – Achas que algum dia vão legalizar também a cocaína, avó?

Maria – Talvez para os idosos. Em cuidados paliativos. E os teus pais, como estão?

Alex – Tudo bem. Partilhas?

Maria – Ei, afinal de contas sou tua avó! Não te vou encorajar a drogar-te.

Alex – Porque tu, afinal, és um bom exemplo?

Maria – É diferente no meu caso, é para aliviar a minha dor...

Alex – Sim, claro...

Maria fica surpreendida com o regresso da Irmã Esperanza. Passa-lhe o charro a Alex, que tenta escondê-lo.

Esperanza – Oh, olá Alex! É amável da tua parte vires visitar a tua avó.

Alex – Sim, eu... Olá, Irmã...

Esperanza – Cheira a eucalipto aqui, não? É você quem está fumando cigarros de eucalipto, Maria?

Maria – É que...

Esperanza – Sabe que é estritamente proibido fumar nas instalações, mesmo que sejam cigarros para descongestionar os brônquios... Bem, deixo-os em família. Adeus, Alex...

Alex – Adeus, Irmã...

Maria – Vamos embora.

Alex – Onde podemos estar tranquilos?

Maria – Siga-me, vai ver. Além disso, é um lugar onde o sinal de Wi-Fi é muito bom...

Alex – Ótimo...

Eles saem, mas Maria esquece o seu laptop. Carlos, o médico, volta acompanhado de Barbara.

Carlos – Bem, parece que está a correr bastante bem esta manhã, não é, Barbara?

Barbara – Todos os nossos pacientes estão a responder ao chamado. Não acontece assim tão frequentemente. Quase parece um milagre...

Carlos – É engraçado, eu pensei ter visto alguém na sala mortuária...

Barbara – Talvez alguém que teremos esquecido lá... Também há mortos que ninguém vem reclamar...

Carlos – Vou tratar disso...

Barbara (*provocativa*) – Não preferirias tratar de mim?

Carlos – Bem, é que... Não podemos deixar um corpo ali abandonado assim...

Barbara – Um corpo abandonado... Tem um à sua frente, Doutor Miranda... É tão cego?

Carlos vê o laptop e aproveita a desculpa para afastar-se.

Carlos – O que vejo aqui?

Barbara – O que se passa?

Carlos – Um computador com uma maçã...

Barbara (*desapontada*) – Cruel, só me apetece atirar-lhe essa maçã à cara...

Carlos – "An Apple a day, keep the doctor away...".

Barbara – Fala inglês, Carlos? Pensei que era argentino...

Carlos – De qualquer forma, não é algo que se deva deixar por aí... É seu?

Barbara – Não...

Carlos – Não acredito que haja muitos ladrões por aqui, mas enfim...

O olhar de Barbara volta-se para a imagem no ecrã.

Barbara – Ah sim, como dizes... É ainda menos apropriado deixá-lo por aí quando se navega nesse tipo de sites...

Carlos – Que tipo de site?

Barbara – Um site de encontros!

Carlos – Bem... os nossos pacientes não...

Barbara – Mas... é a foto da Irmã Esperanza!

Carlos – Estás a brincar...

Barbara – Se não for ela, é muito parecida...

Carlos – Deixa-me ver...

Barbara – Ela utiliza o nome Sofia.

Carlos – A sério?

Barbara – É óbvio que quando se chama Irmã Esperanza, nesse tipo de sites é melhor usar um pseudónimo para não correr o risco de encontrar perversos...

A Irmã Esperanza chega. Carlos e Barbara, surpresos, olham para ela de maneira diferente.

Esperanza – Tudo bem?

Carlos – Muito bem...

Barbara – Muito, muito bem...

Esperanza – Perfeito...

Barbara – Tem a certeza de que não esqueceu nada, Irmã?

Esperanza – Não creio, certo? Bem, até logo...

A Irmã Esperanza continua o seu caminho, um pouco desconfortável devido ao olhar insistente dos outros dois, e sai.

Carlos – Nunca acreditaria nisso dela... Ela parece tão...

Barbara – Sim... Pensamos que conhecemos as mulheres...

Carlos – Ela não recuperou o seu laptop...

Barbara – Não teve coragem... Essa puritana...

Carlos – É verdade que teria sido um pouco desconfortável.

Barbara – Nem me digas!

Carlos – Deixaremos isso aqui, ela virá buscá-lo discretamente...

Barbara se prepara para sair.

Barbara – Vens?

Carlos – Sim, sim, te alcanço em breve...

Barbara sai. Carlos hesita por um momento e depois começa a escrever freneticamente no computador. Maria retorna. Carlos escapa.

Maria – Uau! Isso é bom... (*Vê o computador*) Ah, sim, sabia que o tinha esquecido aqui...

Fernanda volta acompanhada de Sandy e Pedro.

Maria – Fernanda! Pensei que tivesses falecido!

Fernanda – Bem, não, como podes ver...

Maria – Mais cinquenta euros perdidos... Então, quem está na sala mortuária?

O olhar de Maria se dirige à tela do computador.

Maria – Veja, uma nova proposta... Definitivamente, estou muito requisitada... (*Digita no teclado e olha a tela*) Não, é o Doutor Miranda!

Maria vai embora enquanto continua olhando para a tela. Fred, a segunda filha (ou o segundo filho) de Fernanda, chega.

Fred – Olá mãe... (*Mais friamente*) Sandy... Pedro...

Fernanda (*para Sandy*) – Ali está a tua mãe.

Sandy – Tu és a minha mãe. Ela é a minha irmã...

Fernanda – Tens certeza? Parece tão velha...

Pedro – Estamos indo, certo, Sandy?

Fred – Não vos estou expulsando, certo?

Sandy – Estávamos de saída.

Sandy beija Fernanda.

Fred – Aqui tens, trouxe-te doces de fruta...

Fernanda – Ah, obrigada... A tua irmã não me teria trazido nada... Ela nunca me traz nada...

Sandy – Trouxemos-te uma caixa, mãe, está ali...

Pedro – Até à próxima, Fernanda...

Pedro e Sandy saem, lançando um olhar hostil a Fred. Fred oferece a Fernanda a caixa que trouxe.

Fred – Toma, prova uma pasta de fruta...

Fernanda – Obrigada... (*Pega uma pasta de fruta e come*) Não são tão boas quanto as da tua irmã...

Fred – Então, mãe, já pensaste no que te pedi da última vez?

Fernanda – O quê?

Fred – Sobre essa caixa com lingotes que terias escondido em algum lugar da casa...

Fernanda – Ah, isso...

Fred – Lembras-te do que fizeste com ela?

Fernanda – Sim.

Fred – E então?

Fernanda – E então, o quê?

Fred – O que fizeste com ela?

Fernanda – Bem, acho que a coloquei no sótão.

Fred – Não?

Fernanda – Sim, mas acabei de dizer isso à tua irmã...

Fred – A cabra!

Fred sai apressadamente. Luisa chega.

Luisa – Queres um chocolate? O Doutor Miranda deu-mos porque acabei de deixar-lhe toda a minha fortuna...

Fernanda – É muito gentil da parte dele... Que tipo de chocolate é?

Luisa – Lingotes.

Fernanda – Ah sim, vou pegar um. Vai-me lembrar a minha juventude. A minha mãe costumava dar-me muitos deles quando eu era pequena. Ainda me lembro de ter todas as caixas no sótão...

Maria chega também. Por trás, Maria corta discretamente o tubo do gotejamento de Luisa. Fernanda percebe. Maria, enquanto exhibe um sorriso hilariante, pede silenciosamente para que Fernanda se cale.

Maria – Não deveria, eu sei, mas acho isso tão divertido...

Fernanda começa a sentir-se tonta. Irmã Esperanza retorna, vestindo um traje de ginástica chamativo e carregando um grande leitor de CD no ombro, como um rapper de rua. Como uma colegial apanhada em falta, Maria discretamente remove o grampo de roupa e Luisa recupera a consciência.

Esperanza – Vamos, senhoras, é hora de se mexer um pouco! É a hora da sua aula de ginástica.

Maria – Oh, não, não a ginástica...

Irmã Esperanza aperta o botão do leitor de CD, e começa a tocar uma música animada no estilo step.

Esperanza – Vamos, todas comigo!

Esperanza, um pouco empolgada, começa a fazer movimentos de step de maneira bastante espetacular, que as pacientes fracas imitam sem muito entusiasmo.

Esperanza – Vamos, mais animação!

Maria corta novamente o gotejamento de Luisa com um grampo, fazendo com que ela fique tonta novamente.

Fernanda – Irmã Esperanza... Parece que a Luisa se esforçou um pouco...

Esperanza – Bem, tudo bem, talvez devêssemos parar por hoje, então...

Maria remove o grampo do gotejamento de Luisa, que lentamente recupera a consciência.

Maria – Conseguimos...

Esperanza – Está se sentindo melhor, Fernanda?

Fernanda – Estou bem... Tive um pequeno desmaio...

As três pacientes saem. Carlos chega e nota o traje apertado e chamativo da Irmã Esperanza, que está desligando seu leitor de CD para sair.

Carlos – Bem... Realmente a descobri sob uma nova luz, Esperanza...

Esperanza – É uma roupa de ginástica... O senhor acha que é um pouco...?

Carlos – Eu não imaginava que debaixo do seu hábito branco se escondesse tal corpo de deusa... Recebeu minha mensagem?

Esperanza – Que mensagem?

O bip de Carlos é ouvido.

Carlos – Desculpe, estão me chamando... Mas continuaremos essa conversa mais tarde, certo?

Carlos sai. Barbara chega.

Barbara – Então, Irmã Esperanza, está suando a camisa?

Esperanza – Eu sei, não deveria exigir muito delas, mas ao mesmo tempo...

Barbara – Deveria ser um pouco mais discreta, principalmente nesse assunto.

Esperanza – Discreta?

Barbara – Nós nos entendemos, não é? Mas vou te avisar, no que diz respeito a Carlos, é território proibido!

Irmã Esperanza sai. Carlos retorna horrorizado, empurrando um carrinho à sua frente com um corpo coberto por um lençol branco.

Carlos – Acabei de descobrir um cadáver na sala mortuária!

Barbara – Isso não é algo muito extraordinário, certo? Em média, temos dois ou três todas as manhãs...

Carlos – Mas este não é um dos nossos pacientes. Estou até me perguntando se é realmente humano. Parece um zumbi. Veja...

Carlos levanta uma ponta do lençol, e é possível ver Angela. Luisa retorna em uma cadeira de rodas e vê o cadáver.

Luisa – Angela!

Barbara – A conhece?

Luisa – É minha sobrinha, ela veio me visitar há pouco!

Barbara – Onde a encontrou, doutor?

Carlos – Na sala mortuária, eu disse!

Barbara – Esperto, para esconder um cadáver. É o último lugar onde procuraríamos...

Carlos cobre o corpo novamente com o lençol.

Carlos – Achas que pode ser um assassinato?

Barbara – Quem sabe... Meu Deus! O criminoso poderia estar entre nós! Devemos chamar a polícia!

Carlos – Já fiz isso, acabei de ligar para a delegacia... Eles estão vindo...

O inspetor e seu assistente chegam.

Inspetor – Inspetor Carvalho, e este é meu assistente Da Costa... Espero que ninguém tenha tocado em nada.

Carlos – Só transportei o corpo até aqui neste carrinho...

Inspetor – Muito bem, isso nos poupará de mudar de cena desnecessariamente. (*Ele levanta o lençol para dar uma olhada*) Uau, isso não é bonito de se ver! O produtor não economizou em efeitos especiais...

Assistente – Sim, aquela gosma verde saindo de sua boca... Parece O Exorcista...

Inspetor – Há quanto tempo ocorreu a morte, doutor?

Carlos – Não faço ideia. Não sou legista...

Assistente – Não se preocupe, provavelmente descobriremos...

Inspetor (*ao ver Luisa*) – Como vai, avozinha? A sopa está boa aqui? Espero que as refeições de Natal na cantina melhorem um pouco. Pelo menos tiveram um tronco de sorvete?

Barbara – Ela é tia da vítima, Inspetor. Deve estar em estado de choque...

Inspetor – Ah, tudo bem... Então já conhecemos a identidade da vítima... Isso nos poupará tempo. Da Costa, seja gentil e leve esse carrinho de carne fria um pouco mais longe, tenho a sensação de que já está começando a feder um pouco...

Luisa – Pobre menina... Ela veio me visitar apenas uma hora atrás...

Inspetor – Então é bastante recente... Embora talvez já estivesse fedendo quando estava viva...

Luisa – Têm certeza de que ela está morta pelo menos?

Da Costa se prepara para levar o cadáver para os bastidores.

Assistente – Ou talvez esteja bem imitada... Da última vez que vi alguém babando assim, foi um pobre coitado mordido por sua sogra com raiva...

Inspetor – Vamos, Da Costa, peço que respeite o luto desta pobre mulher que acabou de perder sua sobrinha em circunstâncias particularmente horríveis.

Assistente – Desculpe, Inspetor.

Da Costa sai com o corpo no carrinho de rodas.

Inspetor – Então, minha querida senhora, sua sobrinha foi a última pessoa a vê-la viva...

Luisa – Não será o contrário, Inspetor? Ainda não estou completamente morta...

Inspetor – Não tente me confundir, conheço meu trabalho. A senhora não a matou, pelo menos? Isso economizaria ainda mais tempo...

Luisa – Isso é uma performance para a véspera de Natal, Dr. Miranda? Um jogo de detetive ao vivo? O senhor é um ator?

Carlos – Receio que não, querida Fernanda... Ou ele é um ator muito ruim...

O Inspetor leva Carlos para o lado.

Inspetor – De qualquer forma, Doutor, não é uma ideia tão ruim...

Carlos – O quê?

Inspetor – E se fizesse seus pacientes acreditar que é um jogo de interpretação? Seria menos traumático para eles, certo? Do ponto de vista psicológico...

Carlos – Bem... Acho que Luisa perceberá em algum momento que sua sobrinha realmente está morta.

Inspetor – O senhor acredita...? No estado em que ela está... Em quinze minutos, ela terá esquecido até que tinha uma sobrinha... Bem, como queira. Mas a psicologia é importante, sabe...

Assistente – Está pronto, Inspetor.

Inspetor – Muito bem. E o que fez com o corpo?

Assistente – Coloquei na câmara frigorífica.

Inspetor – Ah, eles têm uma câmara frigorífica, muito bem, é prático. Nós também temos uma no instituto forense...

Barbara – Sim, bem, a nossa está na cozinha...

Assistente – É o que imaginei... Por que guardar tantos corpos de animais em uma morgue?

Inspetor – Bem, tentaremos fazer a autópsia antes que a vítima esteja completamente congelada, senão teremos que usar um picador de gelo...

Assistente – Ou o micro-ondas...

Inspetor – E então, não têm ideia de como ela foi assassinada?

Barbara – Como poderíamos saber, Inspetor?

Inspetor – Eu não sei... São médicos, estão acostumados a matar pessoas, certo? É uma piada...

Assistente – Quem poderia ter feito isso?

Inspetor (*colocando a mão no ombro*) – Estamos aqui para descobrir, Da Costa...

Assistente – Tem um plano, Inspetor?

Inspetor – Tire todos daqui, exceto a senhora idosa. A interrogaremos imediatamente e depois poderá ir almoçar. Afinal, não somos monstros. Sabemos que os idosos costumam almoçar cedo...

Barbara (*sussurrando*) – A alimentamos por via intravenosa, Inspetor, tivemos que remover o estômago dela na semana passada...

Inspetor – Bem, pelo menos agora ela não tem problemas de digestão... Vamos, todos para fora, os chamaremos pelo número de vocês quando for a vez, como no serviço de emprego.

Carlos e Barbara saem.

Inspetor – Da Costa, enquanto eu interrogo a senhora, vá e examine este lugar de cima a baixo. E escolha alguém daqui como médico legista para realizar a autópsia. Não vamos passar as festas aqui, certo?

Assistente – Entendido, Inspetor.

Da Costa sai.

Inspetor – Então, Vovó, não quer confessar imediatamente? Aliviaria sua consciência e eu poderia celebrar a Noite de Natal com minha família.

Luisa – Eu tinha lhe dado um cachecol de lã. Ela se enforcou com isso?

Inspetor – Parece mais um envenenamento, pelo estado da saliva que sai de sua boca... Elas comeram algo quando ela a visitou?

Luisa – Comemos línguas de veado...

Inspetor – Aparentemente, não caiu bem para ela... Línguas de veado... Pobres bichinhos... Mas foi um jantar de Natal ou um ritual satânico?

Luisa – E depois bebemos um pouco de champanhe...

Inspetor – Uau, as senhoras não economizaram. Não tenho certeza se com minha pensão terei dinheiro para comprar champanhe.

Luisa – Não é Natal todos os dias...! E no estado em que estou, nem tenho certeza de comemorar o próximo.

Inspetor – Não sabe a sorte que tem... O Natal sempre me deixou um pouco deprimido... Desde criança...

Luisa – Bem, tudo bem, não vai nos contar sua infância infeliz, certo?

Inspetor – Está bem... A senhora diria que tinha uma relação conturbada com sua sobrinha?

Luisa – Oh... Ela veio me visitar com a esperança de receber a herança, mas bem... Quando só tem alguns meses de vida e milhões na sua conta, sabe, é difícil acreditar em visitas desinteressadas...

Inspetor – Isso poderia explicar por que ela queria abreviar seu sofrimento, mas não o contrário... E ela a incluiu em seu testamento como agradecimento por sua dedicação, certo?

Luisa – Fala de dedicação...

Inspetor – Reconheça que ir visitar os moribundos no hospital não é um passeio agradável. Sem mencionar os gastos: flores, doces, revistas... Isso merece uma pequena compensação, certo?

Luisa – Deixei tudo para o Dr. Miranda.

Inspetor – E fez muito bem... Este Dr. Miranda parece ser um homem santo...

Da Costa volta.

Assistente – Inspetor, identificamos o veículo da vítima. Um carro preto que na verdade é cinza, estacionado no estacionamento do hospital em uma vaga para deficientes...

Inspetor – E o que conclui disso, Da Costa?

Assistente – Bem... A vítima não era deficiente...

Inspetor – Isso será determinado na autópsia... A propósito, Da Costa, atribuiu alguém a isso?

Assistente – Sim, Inspetor... O Dr. Miranda está cuidando disso...

Inspetor – E mais?

Assistente – Estava pensando que... Talvez tenhamos a motivação do crime...

Inspetor – Qual motivação?

Assistente – Um deficiente que talvez quisesse se vingar de terem tirado sua vaga de estacionamento.

Inspetor – Bravo, Da Costa, vamos explorar essa pista. Enquanto isso, livre-se da velhinha e me traga a próxima testemunha...

Assistente – Que testemunha, Inspetor?

Inspetor – Eu não sei! Qualquer um que encontrar... (*Da Costa leva Luisa embora.*) Esses jovens precisam que expliquem tudo para eles...

O Inspetor examina o local. Pega um frasco do chão e tenta em vão ler o rótulo. Da Costa volta com a Irmã Esperanza.

Inspetor – O que está escrito aqui, Da Costa? Não sei onde deixei meus óculos...

Assistente – Veneno, Inspetor... Acha que isso pode estar relacionado ao caso de envenenamento?

Inspetor – Francamente, duvido... Mas de qualquer forma, o enviaremos para o laboratório para verificar se é uma substância tóxica...

Assistente – Entendido, Inspetor...

Da Costa pega o frasco e sai.

Inspetor – Bem, Irmã... Em primeiro lugar, o que a levou a se tornar religiosa? Uma moça bonita como você...

Esperanza – Sou casada com Nosso Senhor... Dedico minha vida a ajudar os outros...

Inspetor – Nesse caso, temos um trabalho semelhante.

Esperanza – Por caminhos diferentes, no entanto...

Inspetor – Os caminhos do Senhor são insondáveis... Você notou algo incomum na área recentemente?

Esperanza – Por exemplo?

Inspetor – Você não pratica bruxaria, certo? Missas negras, sacrifícios humanos, exorcismos...

Esperanza – Não, Inspetor.

Inspetor – Um pouco de eutanásia de vez em quando, talvez...?

Esperanza – Isso vai contra os princípios da minha religião, Inspetor.

Inspetor – Bem! Eu não sabia...

Esperanza – Além disso, não foi um dos nossos pacientes terminais que morreu, mas uma jovem que veio visitar um deles...

Inspetor – Alguém pensa em abreviar o sofrimento de um moribundo e acaba tirando a vida de uma jovem na flor da idade. Ninguém está a salvo de um erro médico...

Esperanza – Sou enfermeira formada...

Inspetor – Vamos, Irmã... Não me diga que nunca aconteceu aqui que um paciente tenha vindo para uma cirurgia de hemorróidas e tenha terminado sem uma perna...

Esperanza – Tem mais alguma pergunta, Inspetor? Meus pacientes precisam de mim...

Inspetor – Isso é tudo por agora, mas peço que fique à disposição da polícia até novo aviso.

Esperanza – O que isso significa?

Inspetor – Vamos tentar evitar a pulseira eletrônica por enquanto, mas se estava planejando uma pequena viagem para um país sem tratado de extradição com Portugal, eu pediria que adiasse...

Esperanza – Eu tinha apenas uma peregrinação a Lourdes planejada para o Ano Novo...

Inspetor – Está dentro do espaço Schengen?

Esperanza – Fica na França, de qualquer forma...

Inspetor – Muito bem. Vá com a paz do Senhor, minha jovem.

Esperanza sai. Da Costa retorna.

Inspetor – Então, quais resultados temos da revista, Da Costa?

Assistente – O de sempre, Inspetor... Um pouco de maconha, armas de fogo, dinheiro embaixo dos colchões... Encontrei até morfina...

Inspetor – Morfina... Até onde chegamos? Em um hospital! Mas quando fala em "dinheiro embaixo dos colchões"...

Assistente – Euros, francos suíços, liras italianas... Até encontrei alguns escudos...

Inspetor – Ah, os escudos! Foram bons tempos, não acha? Isso nos faz sentir velhos, Da Costa...

Assistente – Mas o que me preocupa, Inspetor, é isso...

Ele sai e retorna com um monte de caixas nos braços.

Inspetor – O que é isso, Da Costa? Acha que este é o momento de fazer suas compras de Natal? Temos um caso para resolver, pelo amor de Deus!

Assistente – Pasta de frutas, Inspetor. Exatamente vinte e quatro caixas...

Inspetor – E onde encontrou isso?

Assistente – Debaixo da cama de uma paciente. Uma tal Fernanda. Aliás, estou pensando se esse não é um pseudônimo... Ninguém se chama Fernanda nos dias de hoje...

Inspetor – Concordo com você, Da Costa... Acho que estamos seguindo uma pista séria. Também envie para o laboratório... Não vai explodir, vai?

Assistente – De qualquer forma, a maioria desses produtos está vencida.

Inspetor – Você interrogou essa Fernanda?

Assistente – Ela é teimosa como uma mula, não consegui arrancar nada dela... Pensei que você pudesse ter mais sucesso... Todos conhecem suas habilidades como psicólogo quando se trata de interrogar testemunhas obstinadas... A trouxe até aqui...

Inspetor – Fez bem, Da Costa... Introduza a senhora...

Da Costa sai por um momento e volta com Fernanda.

Inspetor – Sente-se aqui, Fernanda, por favor...

Da Costa se retira. Desde o início, o Inspetor dá um tapa em Fernanda.

Fernanda – Mas o que acontece!

Inspetor – Então, vai falar?

Fernanda – Nem me fez nenhuma pergunta ainda!

Inspetor – Claro que não... E esta pasta de frutas, claro, vai me dizer que era para seu consumo pessoal, não vai?

Fernanda – Todo mundo insiste em me trazer pastas de frutas, Inspetor... Eu as odeio... Você gosta delas?

Inspetor – Bem... (*Pega uma e experimenta*) Sim, não é tão ruim...

Fernanda – O que eu gosto são os lingotes... Minha mãe costumava me dar quando eu era pequena. Você gosta de lingotes, Inspetor?

Inspetor – Lingotes?

Fred, a filha de Fernanda, chega.

Fred – Ah, mamã... Peço desculpa por interromper, Senhor Inspetor, mas eu precisava falar com você... (*Ela o afasta e fala em voz baixa*) O senhor conseguiu que ela confessasse?

Inspetor – Sobre o quê, minha querida senhora?

Fred – Os lingotes! Ela lhe disse onde os tinha escondido?

Inspetor – Ainda não, mas... confie na polícia...

Fred – Não hesite em usar métodos um pouco... mais fortes. Pensei que minha irmã os tivesse encontrado, mas ela afirma que não...

Inspetor – Mesmo?

Fred – Deixarei que faça o seu trabalho... Manterá-me informada?

Inspetor – Não deixarei de o fazer.

Fred sai.

Inspetor – Que ganância, afinal... Brigar assim em família... Tudo por chocolates...

Da Costa retorna.

Assistente – Tomei a liberdade de interrogar algumas testemunhas por minha conta, Inspetor, e todos os depoimentos concordam: a comida aqui é muito ruim...

Fernanda – Ah, sim, confirmo isso! É nojenta!

Assistente – Até encontrei carne estragada na geladeira.

Inspetor – Além do nosso cadáver, quer dizer?

Assistente – Voltarei e o informarei se houver alguma novidade...

Inspetor – Bom, livre-me desta bruxa e traga-me a enfermeira Barbie.

Assistente – Barbara?

Inspetor – Exatamente...

Da Costa sai com Fernanda. Barbara chega.

Inspetor – Ah, minha querida senhora... Sente-se, por favor...

Barbara – Pode me chamar de Barbara. (*Senta-se na frente dele e cruza as pernas*) Tinha alguma pergunta para me fazer, Inspetor?

Inspetor (*perturbado*) – Er... sim. Mas estranhamente, agora não consigo lembrar...

Barbara – Tenho todo o tempo do mundo...

Inspetor – Ah, sim, aqui está... Tem motivos para suspeitar que o seu chefe, o Doutor Miranda, está realizando experiências médicas proibidas em seus pacientes?

Barbara – Como os médicos nazistas, quer dizer?

Inspetor – Ele é argentino... e é médico. Você concorda que é uma hipótese que não devemos descartar... Mesmo que seja apenas uma hipótese...

Barbara – Doutor Miranda... Eu não acredito, Inspetor. Além disso, sua mãe é suíça...

Inspetor – Também havia nazistas na Suíça... Pelo menos na Suíça alemã...

Barbara – É um capítulo da história que eu desconhecia por completo, Inspetor...

Inspetor – Suponhamos... Mas o Doutor Miranda também pode estar administrando milho transgênico para seus pacientes sem o conhecimento deles, para ver se eles desenvolvem tumores. Sabemos dos laços por vezes incestuosos que a classe médica tem com as empresas farmacêuticas...

Barbara – É verdade que a maioria dos nossos pacientes já tem tumores... Mas isso não se encaixa no perfil, Senhor Inspetor... O Doutor Miranda é um médico totalmente altruísta. O senhor ouviu falar de sua fundação em benefício de órfãos sem pais?

Inspetor – Esqueçamos isso, minha querida amiga... Foi apenas um interrogatório de rotina e não a reterei mais tempo... (*Barbara levanta-se para sair*) Ah, Barbara, uma última pergunta...

Barbara – Sim, Detetive Colombo...

Inspetor – Especialmente depois de comer pratos apimentados, como cuscuz ou chouriço, tenho coceiras terríveis... em um lugar que a decência me impede de mencionar em um cenário teatral... Você saberia o que poderia ser?

Barbara – Suponho que se refere ao seu traseiro...

Inspetor – Não, quero dizer, que tipo de doença... Você acha que é grave?

Barbara – Provavelmente é apenas um pequeno problema de hemorróidas... Vou marcar uma consulta com o Doutor Miranda após as festas. Enquanto isso, evite excessos...

Inspetor – Obrigado, Barbara, já me sinto aliviado...

Barbara sai. Da Costa retorna.

Inspetor – Então, Da Costa, que resultados tem das suas investigações?

Assistente – Este hospital é um verdadeiro desastre, Inspetor: tráfico de drogas, apostas ilegais, abuso de pessoas vulneráveis, lavagem de dinheiro, contratação de acompanhantes pela internet...

Inspetor – E a autópsia?

Assistente – Nesse aspecto também avançamos bastante. A autópsia revela que a vítima consumiu uma grande quantidade de línguas de veado.

Inspetor – Nada de pasta de frutas, tem certeza?

Assistente – Apenas línguas de veado, cuja data de validade já havia passado há mais de uma semana... Encontrei a embalagem no lixo.

Inspetor – Bravo, Da Costa! Isso deve ter sido a causa da morte... Línguas de veado passadas não perdoam. Agora só precisamos determinar se foi envenenamento ou apenas uma intoxicação acidental...

Assistente – Há algo mais, Inspetor...

Inspetor – O que mais?

Assistente – A autópsia revelou que a vítima na verdade não estava morta antes da autópsia...

Inspetor – E daí?

Assistente – Bem... O Dr. Miranda tentou colocar tudo de volta mais ou menos no lugar...

Inspetor – A vítima foi encontrada em uma sala mortuária... Isso certamente confundiu os médicos. Então, Da Costa, sempre temos que ter cuidado com conclusões precipitadas...

Assistente – Uma última coisa, Inspetor... Eu examinei os computadores...

Inspetor – E o que encontrou?

Assistente – Bingo! Acabei de prender um gajo que tinha um encontro com um membro da equipe deste hospital que conheceu na internet...

Inspetor – Introduza, Da Costa, introduza...

Da Costa traz Carlos e Esperanza.

Inspetor – Você, Dr. Miranda? E você, Irmã?

Carlos – Posso explicar, Inspetor...

Inspetor – Confie em mim, Doutor...

Carlos – Estou secretamente apaixonado pela Irmã Esperanza desde que ela chegou à nossa instituição. Quando descobri acidentalmente que ela se inscreveu em um site de encontros, usei um pseudônimo e a convidei para um encontro... Ela aceitou sem saber quem eu era... (*Olhando para Esperanza*) Esperanza, espero que não esteja muito decepcionada...

Esperanza – Mas isso só pode ser uma artimanha do Diabo, Inspetor! Eu não visito sites de encontros, eu lhe asseguro!

Inspetor – Vamos, Irmã, não precisa agir como uma virgem assustada... Sabe, todos nós navegamos nesses tipos de sites em algum momento ou outro...

Da Costa chega.

Assistente – Eu trouxe a vítima, Inspetor... Acredite, é uma verdadeira ressurreição... Eu mesmo testemunhei a autópsia, órgãos espalhados por todo o quarto...

Inspetor (*para Carlos*) – Bravo! O Dr. Frankenstein não teria feito melhor...

Angela chega mais zumbi do que nunca, com saliva colorida escorrendo pelos cantos da boca.

Carlos – Fiz o que pude, mas se quiserem interrogá-la, aconselho que não demorem muito...

Inspetor – Ele está certo... Não é todos os dias que temos a oportunidade de interrogar a vítima de um assassinato...

Angela (*voz fantasmagórica*) – Vão todos para o inferno!

Esperanza dá um salto.

Esperanza – É o Anticristo, e o Senhor me designou para enfrentá-lo. (*Abre seu roupão, sob o qual veste seu traje fluorescente de ginástica, e adota uma postura de caratê antes de fazer alguns movimentos intimidadores*). Saia daqui, Satanás!

Esperanza desfere um golpe fatal em Angela. Da Costa se aproxima do corpo.

Assistente – Desta vez, acho que ela está realmente morta, Inspetor...

Esperanza – As Forças do Bem triunfaram sobre as Forças do Mal... Agora, podem fazer comigo o que quiserem...

Inspetor – Não me tente, Irmã... Mas quanto ao cadáver que acabou de assassinar, ficaremos com a versão oficial... Diremos que a vítima já estava morta antes da autópsia...

Assistente – Não somos monstros, afinal. Não vamos prender uma freira.

Inspetor – Especialmente uma freira que acaba de encontrar o grande amor através da internet...

Barbara chega furiosa, seguida por Maria.

Maria – Mas estou lhe dizendo que sou Sofia!

Barbara (*para Esperanza*) – Vadia. Eu disse para você não se aproximar de Carlos!

Barbara avança sobre Esperanza e elas começam a brigar.

Assistente – Não acha que devíamos separá-las, Inspetor?

Inspetor (*fascinado*) – Espere um pouco mais...

Fernanda e Luisa chegam.

Maria – Eu aposto na morena, e você?

Fernanda – Cinquenta euros na loira...

Fred chega e parte para cima de Fernanda.

Fred – O que fez com os lingotes, sua cabra?

Fernanda – Mas eu não faço ideia do que você está falando! Inspetor!

Fred – Não se preocupe, Inspetor, é apenas uma pequena disputa familiar...

Fred agarra Fernanda pelo pescoço e começa a sacudi-la.

Fred – Vais falar, velha bruxa!

Inspetor – Acho que podemos considerar este caso resolvido, Da Costa. Representamos aqui as forças da ordem, e penso que podemos dizer que a ordem foi restabelecida.

Assistente – Bravo, Inspetor. Outra investigação bem conduzida. Bom trabalho...

Inspetor – Obrigado, Da Costa. Vais passar a Noite de Natal em família?

Assistente – Infelizmente, Inspetor, sou um órfão da polícia. Já não tenho família.

Inspetor – Não sabe a sorte que tem, Da Costa...

Assistente – Meu pai morreu em serviço. Posso confessar agora, ele serviu sob suas ordens e estava orgulhoso... Essa é a razão pela qual quis ingressar na sua unidade, Inspetor.

Inspetor – O que me diz comove-me, Da Costa. Considero-o como um filho, sabe, e não o deixarei sozinho num dia como este.

Assistente – Sabia que podia contar consigo, Inspetor...

Inspetor – Aqui está o Dr. Miranda. Com a sua Fundação, financiada por generosos doadores no final de suas vidas, como Fernanda, ele cuida de órfãos sem pais, como você. Com certeza ele tem uma solução para que não fique sozinho na Noite de Natal, não é verdade, Doutor?

Assistente – Obrigado, Inspetor.

Inspetor – Deixo-o, Da Costa... Estão à minha espera em casa. E eu sou o responsável por recheiar o peru... Feliz Natal a todos!

O Inspetor parte enquanto metade dos que restam continuam brigando e os outros observam. Sirenes de ambulância e polícia se misturam...

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Bem-vindos a bordo!
Cama e Café
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Ela e Ele, Monólogo interactivo
Encontro na plataforma
Erro da funerária a teu favor
Euro Star
Flagrante Delírio
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um critico na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sequer morto
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plágio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um pequeno assassinato sem consequências
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Novembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-073-5

Documento para download gratuito